

# As contribuições de Rubem Alves para o Ensino Religioso

*Rubem Alves's contributions to Religious Education*

*Lúcia de Menezes<sup>1</sup>*

**Resumo:** Conhecer a vida de um autor, propicia um melhor entendimento sobre o seu pensamento e a sua produção intelectual. A partir de fragmentos biográficos, este artigo, procura explicitar o encontro do escritor Rubem Alves, com a religião, com a literatura, sua forma de ver e pensar religião e educação entrelaçadas com a poesia. Pretende-se nesse trabalho, fazer uma aproximação da teopoética do autor com as Ciências das Religiões, especificamente com a subárea Ensino Religioso. Destaca-se também as contribuições do autor para a teologia e em consequência para o Ensino Religioso na escola.

**Palavras-chave:** Rubem Alves. Religião. Educação. Ensino Religioso.

**Abstract:** Knowing the life of an author provides a better understanding of his thinking and his intellectual production. From biographical fragments, this article seeks to make explicit the encounter of writer Rubem Alves, with religion, with literature, his way of seeing and thinking religion and education intertwined with poetry. This work intends to make an approximation of the author's theopoetics with the Sciences of Religions, specifically with the sub-area of Religious Teaching. The author's contributions to theology and consequently to religious teaching at school are also highlighted.

**Keywords:** Rubem Alves. Religion. Education. Religious education.

## Introdução

Rubem Azevedo Alves, nasceu no sul de Minas Gerais, numa pequena cidade chamada Dores da Boa Esperança, na manhã do dia

---

Artigo recebido em: 29 out. 2017

Aprovado em: 21 out. 2017

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado Profissional, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória. E-mail: lucia-de-menezes@bol.com.br.

15 de setembro de 1933, quarto filho homem do casal Carmen e Herodiano.<sup>2</sup> O período de infância foi marcado pelos brinquedos artesanais feitos pela mãe. Um livro que havia sido de sua mãe quando criança, encantava Rubem Alves, por suas gravuras e o fazia sonhar.<sup>3</sup> Da mãe recebeu também a primeira lição de Teologia. A oração que fazia todas as noites antes de dormir.

Quando Rubem Alves nasceu sua família enfrentava uma crise financeira devido ao declínio da indústria cafeeira que afetou toda a economia do país. Com a falência financeira os amigos também se foram. Somente um evangelista chamado Firmino visitava a família e com ela se solidarizava. Através desse homem a família se aproximou da igreja presbiteriana.

Em busca de novos horizontes a família mudou-se para outras cidades de Minas, como Lambari, Três Corações e Varginha. Em Varginha Rubem Alves estudou no Grupo Escolar Brasil, onde pela primeira vez se sentiu protestante. Da primeira escola ficaram boas recordações como, amor pelos livros, que veio a partir da leitura que a professora fazia para os alunos. Foi assim o seu primeiro contato com as obras de Monteiro Lobato.

E 1945, a família mudou-se para o Rio de Janeiro. A vida na nova cidade, sem referenciais emocionais, tornou-se dolorosa para Rubem Alves. As diferenças entre ele e seus colegas de escola, evidenciadas na fala com sotaque mineiro, e no jeito de vestir-se, fizeram-no sentir ridículo e sem saber como agir diante das piadas e brincadeiras maldosas. Em meio a tristezas e dor, ficaram algumas boas recordações. Como a do professor Leônidas que ensinava literatura. Para esse professor provas e obrigações tiravam o prazer da leitura e por isso ele encantava os alunos com a sua metodologia. O professor encarnava os personagens e encantava os alunos como num teatro e assim ensinava os alunos a amarem literatura.<sup>4</sup>

Naquele período Rubem Alves descobriu-se só, sem amigos, sem cosmo, numa condição de anomia. É necessário acabar com a solidão e com a impotência. “A solidão abriu caminho para a leitura e a poesia”.<sup>5</sup> Refúgio encontrou também na religião. Na igreja sentiu-se acolhido, valorizado e reconhecido. Naquele momento já se destacava pela capacidade de comunicação. Discursava com fluidez.

---

<sup>2</sup> GONÇALO JUNIOR. *É uma pena não viver: uma biografia de Rubem Alves*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015, p.39.

<sup>3</sup> ALVES, Rubem. *O velho que acordou menino*. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2015. p. 106.

<sup>4</sup> ALVES, Rubem. *Lições do velho professor*. Campinas: Papyrus, 2013. p. 40-41.

<sup>5</sup> NUNES, Antonio Vidal. *Corpo linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 22.

Gostava de estar na igreja, participar dos passeios, das brincadeiras, do estar junto. Com isso surgiu o desejo de pastorear. Decidiu-se por estudar teologia. Em 1953 ingressou no Seminário Teológico Presbiteriano, em Campinas. No seminário Rubem Alves conheceu o professor Richard Shaull. Esse professor caminhava na direção contrária. Se o objetivo do seminário era alcançar o céu, o professor queria melhorar a terra, através da ação política da igreja. Rubem logo se identificou com o professor e com a sua teologia pois

Por meio dela, descobria-se o mundo como lugar de desenvolvimento e aplicação das verdades de fé, não mais como uma série de abstrações, mas sim, como um conjunto de elementos que urgia colocar em funcionamento nas vidas e experiências dos seres humanos. Era uma “teologia encarnacional” em germe, que renovava a visão do mundo, da igreja, da missão. Começava-se a abandonar o zelo pelas almas em benefício do interesse pelas pessoas concretas de carne e osso. Um dos primeiros passos nesse sentido era justamente a reavaliação do mundo como um lugar para viver e amar.<sup>6</sup>

Em 1957, Rubem Alves foi diplomado pastor e assumiu a igreja presbiteriana de Lavras, em Minas Gerais, como pastor assistente. Com a fé renovada, Rubem se via agora dividido entre “abandonar o zelo pelas almas em benefício do interesse pelas pessoas de carne e osso”.<sup>7</sup>

Em 1959, Rubem Alves casou-se com Lídia Nopper e foram morar numa casa perto da igreja. Neste mesmo ano nasceu Sérgio, o primeiro filho do casal. Para reforçar o orçamento Rubem passou a dar aulas de filosofia no Instituto Presbiteriano Gammon. Por causa das suas ideias progressistas como achar que a religião não era para garantir o céu, mas para tornar o mundo melhor, era visto com desconfiança pelos colegas. Logo tomou consciência da divergência que existia entre o seu pensamento e o pensamento teológico convencional, mas estava disposto a continuar.

Em 1962, teve a sua primeira experiência como escritor, participou de um livro coletivo, “O catolicismo romano- um simpósio protestante”, foi lançado pela ASTE – Associação de

---

<sup>6</sup>CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*. Trad. Eleonora Frenkel Barreto. Campinas: Papirus, 2005. p. 56.

<sup>7</sup>CERVANTES-ORTIZ, p.56.

Seminários Teológicos Evangélicos, tendo como tema central as mudanças de diretrizes na Igreja Católica e as consequências para o Brasil, um país predominantemente católico, e o envolvimento a partir daí com os evangélicos. No texto que escreveu, Rubem elogiava as mudanças iniciadas na igreja católica, uma vez que em 2000 anos de história a igreja se voltava para as questões sociais e para ele essas mudanças seriam fundamentais para o futuro da igreja.<sup>8</sup>

Neste ensaio Rubem Alves já demonstrava sua capacidade de jogar com as palavras e encantar a plateia. Para ele os movimentos que vinham acontecendo era uma tentativa de aproximação da igreja com o mundo apesar da dificuldade que havia nessa relação devido a rigidez estrutural instaurada. Com este discurso ele se colocava como modernista e por isso subversivo.<sup>9</sup>

Diante da situação, animado por alguns colegas, Rubem Alves se candidatou a uma bolsa de estudo no *Programa of Advanced Religious Studies*, no *Union Theological Seminary* em Nova York. No final de 1962 Rubem deixou a família em Campinas e embarcou para América, cheio de sonhos de transformar o mundo num lugar melhor para se viver. O plano era ficar lá um ano, mas, ele decidiu aproveitar e fazer o mestrado no *The Union Theological Seminary*, Instituto Superior da Igreja Presbiteriana.<sup>10</sup>

Logo nas primeiras semanas, Rubem definiu a sua área de pesquisa: Ética e Religião. Pretendia fazer uma interpretação teológica do significado da revolução social no Brasil. A sua intenção era analisar, como deveria ser a participação dos cristãos nas mudanças que se faziam necessárias no país, diante das questões socioeconômicas que redundavam em atraso e desigualdades. O que ele não sabia, era que um golpe de extrema direita, autodenominado Revolução Democrática, estava prestes a acontecer. O presidente seria deposto e se instauraria uma ditadura militar.<sup>11</sup>

Para Rubem Alves, os cristãos tinham que se envolver em causas sociais, fazer do país um lugar bom para todos. Era preciso lutar por justiça social. Seu projeto, portanto, era

[...] criar uma nova linguagem para a comunidade cristã, por meio da qual os símbolos cristãos fossem articulados a uma nova compreensão da experiência cristã. Portanto, tinha o objetivo de

---

<sup>8</sup>GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 186-187.

<sup>9</sup>GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 191.

<sup>10</sup>GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 192.

<sup>11</sup>GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 194.

estabelecer um novo projeto político e ético para a experiência de fé. Foi nesse período que descobriu a importância da linguagem na experiência humana, conceito que passará a ser fundamental em sua reflexão, inclusive na educativa.<sup>12</sup>

Os cristãos não poderiam se eximir de sua responsabilidade, enquanto cidadãos, de lutar por um país mais justo em face a tanta desigualdade. Coisa que para a igreja, soava como heresia. Como viver só em função do céu, sem se envolver com os problemas do mundo? Este era o seu questionamento. Se o céu era tão bom, porque ninguém queria morrer para alcançar logo o céu? Será que era porque ninguém acreditava de fato nessa felicidade eterna? O mestrado em Nova York transformou o pastor Rubem Alves em teólogo, mas, ele estava interessado na política. Sua tese era que

as pegadas de Deus no mundo são éticas. Deus está presente em toda luta para fazer o mundo mais justo. A luta dos negros contra a segregação racial, a luta dos países pobres explorados contra os países ricos que se enriquecem cada vez mais à suas custas, a luta dos povos dominados por tiranias políticas: todas essas lutas políticas são pegadas que o Deus ético deixa no mundo.<sup>13</sup>

Enquanto Rubem Alves se debruçava na elaboração de sua dissertação a situação no Brasil se agravava. E então ele ficou sabendo pelo jornal que os militares haviam tomado o poder. Seu corpo congelou e o medo invadiu sua alma. “E foi então que fiquei instantaneamente congelado, o medo circulando pelo corpo, o vidro liso estilhaçado por um golpe de pedra”.<sup>14</sup>

A situação estava difícil no Brasil. Tudo era perigoso, tudo era vigiado. Era um tempo de caça às bruxas. Em maio de 1964 Rubem Alves recebeu o título de Mestre em Teologia Sacra e no dia 26 de maio, apesar do medo ele retornou ao Brasil, sem saber que o seu nome estava na lista dos pastores mais perigosos da nova geração.<sup>15</sup>

A Igreja Presbiteriana do Brasil outrora tida como a mais importante pelo seu prestígio e crescimento naquele momento “tomou atitudes medievais”.<sup>16</sup> A comissão especial dos seminários

---

<sup>12</sup>NUNES, 2008, p. 35-36.

<sup>13</sup> ALVES, apud GONÇALO JUNIOR, 2015, p.205.

<sup>14</sup> ALVES, 1987, p. 25.

<sup>15</sup>GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 209.

<sup>16</sup>GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 209.

expulsava professores e alunos que fossem contra a revolução dos militares e se envolvessem com os problemas sociais.<sup>17</sup>

Sem apoio da igreja e dos amigos Rubem Alves compreendeu que era inútil lutar. Quis ir embora para longe do medo. Poder viver sem sobressaltos, poder pensar. Decidiu se afastar do ministério da igreja Presbiteriana e escreveu uma carta falando sobre a sua insatisfação. “Triunfa o autoritarismo sobre a comunidade; as estruturas sobre as pessoas; o passado sobre o futuro; a lei sobre o amor. E em última instância, a morte sobre a vida. Por isso tomei hoje, 15 de setembro de 1970, a decisão de romper com ela”.<sup>18</sup> Abandonou assim o pastorado e a religião.

Em meio a tristezas e decepções, Rubem foi convidado a fazer doutorado pela United Presbyterian Church – EUA, juntamente com o presidente do Seminário Teológico de Princeton, seu antigo professor Richard Shaull. Rubem Alves deixou o Brasil em junho de 1965 e foi com a família para Princeton. “Se na partida está a euforia da liberdade, na chegada está a tristeza do exílio. Aquele não era o meu mundo”.<sup>19</sup> Foi acolhido por um casal de amigos do Instituto Gammon, que também estavam em Princeton. “A solidão que fora obrigado a vivenciar no exílio, fez nascer no brasileiro além de uma imensa mágoa contra a igreja, o sofrimento de carregar consigo todo o significado do que queria dizer “saudade”.<sup>20</sup>

Naquela época, ele já abandonara a ideia de que Teologia pudesse ser um conhecimento de Deus, pois para Rubem Alves, Deus é um grande e inominável mistério, é O Totalmente Outro, de Rudolf Otto. Teologia é antropologia para Alves. É falar sobre si mesmo.<sup>21</sup> Para ele as Escrituras eram sagradas porque diziam em linguagem poética aquilo que o homem tinha dentro dele, como gemido inarticulado. Experiência de revelação. Assim o nome da coisa que escrevera não poderia se referir a Deus. Era coisa modesta, humana. A moda na época era falar da esperança, mas, para ele, era subjetivo demais. Ele queria mais do que esperança, queria ver possibilidade de realização na vida das pessoas. Não bastava sonhar jardins era preciso plantar. A esperança tinha que se manifestar na política.<sup>22</sup>

---

<sup>17</sup>GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 215.

<sup>18</sup> ALVES, apud NUNES, 2008 p.38-39.

<sup>19</sup> ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Tradução João Francisco Duarte Jr. Campinas, São Paulo: Papirus, 1987.p.31

<sup>20</sup> GONÇALO JUNIOR, 2015, p.248.

<sup>21</sup>ALVES, 1987, p. 40.

<sup>22</sup> ALVES, 1987. p.40.

Rubem Alves acreditava que a teologia cristã apontava um novo amanhã. A esperança não subjetivada, mas derramando-se sobre a terra. Os desertos se transformando em jardins. Um povo escravo caminhando pelo deserto, com esperança de um novo amanhã. Um profeta no cativeiro comprando um pedaço de terra, sem deixar de sonhar com a liberdade. Metáforas poéticas, esperança em movimento. “A (feto) que deseja sair mesmo diante do aperto”.<sup>23</sup> Anseio por libertação. Assim nasceu “Por uma Teologia da Libertação”, não sem dor, com muita batalha. Escreveu o que quis. Recusou-se a reescrever. Foi aprovada a sua tese com a nota mais baixa.<sup>24</sup>

A tese tratou de um tema bastante inovador, a esperança como concretização da liberdade. Abordou temas como a miséria dos países do terceiro mundo e a discriminação social. Apontava a possibilidade de o pobre ser sujeito da própria história, na contramão da história dos opressores. A opressão em todos os níveis deveria ser combatida. Não só a econômica ou étnica, mas também das instituições acadêmicas. No final há de se ter um mundo mais humano. Só através do homem o mundo pode se tornar mais humano.<sup>25</sup>

Recebido o título de doutor em Filosofia, pela United Presbyterian Church, em junho de 1968, Rubem Alves volta para o Brasil no início de 1969. Em maio desse ano seu amigo Paul Singer conseguiu uma vaga para Rubem dar aulas de filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Voltou a dar aulas de piano. Aceitava convites para pregar em diversas igrejas, mas, suas pregações causavam espantos nas pessoas, que o viam como herege. Certa vez resolveu pregar sobre as crianças, mas também não foi compreendido ao falar que, como as crianças, os adultos deveriam ser crianças brincantes. Essas experiências negativas fizeram Rubem Alves bastante crítico das religiões. Para ele as igrejas não passavam de produtoras de bens espirituais, que almejavam atingir novos clientes e como ele nunca quis converter ninguém, fracassou.<sup>26</sup>

Nos primeiros anos depois da volta do exílio, Rubem Alves não era reconhecido no Brasil. Somente dez anos depois veio o reconhecimento, como um dos maiores teólogos protestantes do Brasil e da América Latina.

## **Como surgiu o “contador de estórias”**

---

<sup>23</sup>ALVES, 1987. p. 41

<sup>24</sup> ALVES, 1987. p.41.

<sup>25</sup>ALVES, 1987, p. 58-59.

<sup>26</sup>GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 266-268.

No final de 1975, um fato redimensionaria a vida de Rubem Alves: O nascimento de sua filha Raquel. Após o nascimento da filha, Rubem Alves se transformou, assim como o milho que passa pelo fogo e vira pipoca. A menina nasceu com uma fenda na parte superior da boca chamada lábio leporino. Devido ao problema teve que submeter-se a diversas cirurgias. Por causa disso Rubem passou a dar atenção especial à filha, o que não havia feito com os filhos. Desejava protegê-la ao máximo, pois não queria vê-la sofrer. Com o intuito de levantar a autoestima da filha e fazê-la feliz começou a criar histórias para ela. Tornou-se um contador de histórias.

A proporção que Raquel ia crescendo, seu pai imaginava outras histórias. “Como Nasceu a Alegria” foi para mostrar à filha que o sofrimento pelo qual ela passou fez todos chorarem por ela, pois se importavam com ela. “O Medo da Sementinha” foi para trabalhar a perda, aproximar temas de vida e morte. “A Montanha Encantada dos Gansos Selvagens”, aborda também a questão da vida, morte, saudade. “Os Morangos” fala sobre as oportunidades que a vida traz e que devem ser aproveitadas. “A Operação de Lili”, foi por causa da rotina de tratamentos e cirurgias que Raquel teve que enfrentar. Muitas outras histórias foram sendo escritas e editadas.

Talvez se Raquel não existisse Rubem Alves não tivesse se tornado um contador de histórias. Buscando nas palavras e na fantasia aliviar a dor da filha ele encontrou uma maneira de levar as pessoas a refletirem sobre diversos temas. Sua missão agora era encantar, seduzir através das histórias infantis, crônicas, contos e artigos. Desde o início o desejo de Rubem Alves era transformar o mundo num lugar melhor e através da literatura ele conseguiu disseminar ideias e contagiar muita gente, não só no Brasil, mas, em vários lugares.

Rubem Alves não imaginou ser escritor. Não estudou para ser. Conhecia pouco sobre tradição literária. A Literatura chegou sem que ele se preparasse. Foram as experiências de sofrimento e solidão que o fizeram sensível. Desistiu de escrever academicamente. Decidiu escrever para pessoas comuns. Do fracasso em ser pianista descobriu-se músico de palavras e assim tocou a alma de muita gente.

Este é o mistério da literatura: a música que se faz ouvir, independentemente das intenções de quem escreve. É por isso que poesia, como bem lembrou Guimarães Rosa, é essa irmã tão próxima da magia... Poesia é magia, feitiçaria. O feiticeiro é



aquele que diz uma palavra e, pelo poder dessa palavra, sem auxílio das mãos, o dito acontece. Deus é o feiticeiro mor: falou e o universo foi criado. Os poetas são aprendizes de feiticeiro. O desejo que move os poetas não é ensinar, esclarecer, interpretar. Essas são coisas da razão. O seu desejo é mágico: fazer soar de novo a melodia esquecida. Mas isso só acontece pelo poder do sangue do coração humano.<sup>27</sup>

## Conversas e “estórias” sobre educação

Somente na década de 1980 Rubem Alves passou a refletir de uma maneira específica os problemas educacionais. Educação, religião, ciência passaram conjuntamente a ocupar o pensamento humanista reflexivo do autor. Em várias obras Rubem Alves expressa a sua preocupação e crítica à educação tecnicista interessada apenas em reproduzir o saber estabelecido. Para ele, a escola, principal instituição responsável pelo ensino, deveria proporcionar e propagar mais alegria e menos tortura. O educador Rubem Alves privilegiava muito mais a relação e o diálogo com os alunos, o que fica explícito no texto “a pedagogia dos caracóis”.

“A pedagogia dos caracóis”. Caracol tem pedagogia a ensinar? O autor conta o sucedido com uma menininha que ao voltar para casa, se queixou à mãe: “Mamãe, os professores dizem: É preciso andar rápido, nada de vagareza, para frente, para frente!” Mamãe onde é a frente?” E aí ele passa a falar sobre a virtude pedagógica da vagareza. Pode ser que “chegar na frente” não seja tão importante assim! Quem sabe o “estar indo” é mais educativo que o chegar? No estar indo aprende-se um jeito do ser. Nietzsche se ria dos turistas que subiam as montanhas como animais, estúpidos e suados. Não haviam aprendido que há vistas maravilhosas no caminho que sobe. Riobaldo, do *Grande sertão: veredas*, concordaria e acrescentaria: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> ALVES, apud CERVANTES-ORTIZ, 2005, p.23.

<sup>28</sup> ALVES, Rubem. *A pedagogia dos caracóis*. São Paulo: Verus, 2010, p. 78-80.

Em uma carta escrita para o amigo Leopoldo Cervantis-Ortiz, Rubem Alves afirma que “[...]tenho escrito de forma fragmentada. Não sei se isso é virtude ou defeito. Os alemães dirão que é um defeito imperdoável. Já Nietzsche dirá que construir um sistema é falta de integridade. O fato é que não consigo compor sinfonias. Mantenho-me dentro de pequenas peças”.<sup>29</sup> Levando em consideração essa característica do autor, seria possível dizer que a sua proposta pedagógica se encontra diluída em suas obras sobre educação. Talvez por ter sido um crítico da academia, tenha preferido falar sobre educação de forma poética. Isso pode-se constatar pelo uso de metáforas e aforismos, pois o seu desejo era que seus “textos produzissem felicidade e não teses acadêmicas”.<sup>30</sup>

Ao refletir sobre educação Rubem Alves já se encontrava na fase poética. Segundo Nunes, “Os nomes dos livros já revelam uma nova linguagem literária, ou seja, uma forma poética de expressar, que rompia com os esquemas de uma linguagem acadêmica mais rígida e rigorosa”.<sup>31</sup> O diálogo com a religião, com a ciência e com a poesia terá reflexo e estarão entrelaçadas na formulação de seus pensamentos sobre a educação.

Em sua primeira obra sobre educação “Conversas com quem gosta de ensinar”, ele mesmo adverte que se trata de conversas. Filosofia e ciência é discurso sem resposta. Nessa conversa, entretanto percebe-se uma intenção. Ao conversar e contando estória ele expõe seu modo de pensar a educação. O livro composto de quatro partes vai falar sobre o amor, o acordar, o libertar e o agir.<sup>32</sup>

Usando o recurso da metáfora Rubem Alves vai contrapor a figura do professor àquela do educador, comparando a jequitibás e a eucaliptos. “Professores, há os milhares, mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”<sup>33</sup>.

Jequitibás são árvores com personalidade, têm cidadania no mundo do mistério. Já os eucaliptos, são raça sem vergonha que cresce depressa. Têm cidadania no mundo das organizações, das instituições, das finanças. São idênticas, podem ser substituídas sem problema.

---

<sup>29</sup>ALVES, 1997 apudCERVANTES-ORTIZ, 2005, p.28.

<sup>30</sup>ALVES, 1997 apudCERVANTES-ORTIZ, 2005, p.29.

<sup>31</sup> NUNES, 2008, p. 148-149.

<sup>32</sup>ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 3

<sup>33</sup>ALVES, 1980, p. 11

Educadores são como velhas árvores. Possuem uma face, uma estória a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma entidade sui generis, portador de um nome, também de uma estória, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que estabelece a dois. Espaço artesanal.<sup>34</sup>

Professores são entidades descartáveis. Em um mundo burocratizado e utilitarista o que se precisa é de “entidade gerenciada e administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema”.<sup>35</sup> Rubem Alves então ressalta o encanto que a ciência causou no mundo com suas promessas de objetividade, bem como o impacto do racionalismo iluminista, a repressão do desejo, do amor, das paixões e da esperança, extinguiu os educadores e fez surgir os professores.

Em outro texto Rubem Alves vai falar sobre “escolas gaiolas” e “escolas asas”. Escolas gaiolas fazem com que os pássaros parem de voar, fiquem sob controle. Deixem de ser pássaros, pois sua essência é o voo. Escolas asas amam os pássaros em voo. Apesar de não ensinar o voo, pois isso eles já sabem, encorajam o voo. O que os burocratas pressupõem é que os conteúdos dos programas oficiais garantem uma boa educação. Para Rubem Alves isso não é verdade. É no corpo que está a vida, portanto o sujeito da educação é o corpo. A função da inteligência é ajudar o corpo a viver. É ferramenta e brinquedo do corpo. O programa do corpo, portanto é aprender ferramentas e aprender brinquedos, com as ferramentas resolve-se os problemas do dia a dia. Com os brinquedos, coisas totalmente inúteis, como a música e a poesia, fica-se feliz. Nisso se resume a educação.<sup>36</sup>

## **A teopoética de Rubem Alves**

Segundo Antonio Magalhães, Rubem Alves foi pioneiro em articular poesia e teologia. Na sua obra “Deus no espelho das palavras” ele deixa claro que apesar de não se preocupar em discutir teoria nem método Rubem foi o primeiro a se apropriar de uma forma de fazer teológico que pode ser incluído dentro da teopoética, “[...] Rubem Alves foi assumindo de maneira crescente uma fala sobre Deus, que tem nos

---

<sup>34</sup>ALVES, 1980, p. 13.

<sup>35</sup>ALVES, 1980, p. 15.

<sup>36</sup>ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. São Paulo: Papirus, 2002. p. 29-32.

poetas e outros autores da literatura os principais interlocutores na apresentação de suas imagens sobre Deus”.<sup>37</sup>

Para Rubem Alves,

temas teológicos não são novos objetos de racionalização e conceituação, mas antes de tudo, residem nos corpos das pessoas [...] a consciência é uma extensão do corpo, que apreende o mundo em dimensões sensitivas e emocionais. Consciência não nega, portanto, as dimensões consideradas inferiores por uma visão de mundo comprometida com a dicotomia que separa razão da emoção e reflexão da experiência.<sup>38</sup>

Para Alves, a religião dialoga com a cultura e com os desejos posto que religião é “teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza”.<sup>39</sup> A religião relaciona-se com a imaginação, com desejos, com vontade de poder, de dignidade. E a maneira de fortalecer e manter a beleza da religião é através da linguagem. Rubem Alves disse que “queria reinventar as palavras [...] Porque as palavras de tantas repetições, vão ficando gastas e, de repente, nada mais são que cascas de cigarra, vazias, agarradas aos troncos rugosos das árvores, testemunhos de um espaço onde esteve a vida”.<sup>40</sup>

Através da poesia questões da vida e da morte se desvelam. O diálogo entre poetas e autores da literatura é capaz de dar sabor de vida à teologia. Para Alves

Teologia é um brinquedo que faço.  
É possível plantar jardins,  
pintar quadros,  
escrever poemas,  
jogar xadrez,  
cozinhar, fazer teologia...  
Claro que um jogo não exclui o outro.<sup>41</sup>

---

<sup>37</sup>MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 144.

<sup>38</sup>MAGALHÃES, 2000, p. 145.

<sup>39</sup>ALVES, 2013, p. 24.

<sup>40</sup>ALVES, 1987, p. 35.

<sup>41</sup>ALVES, 1987, p. 19.

A igreja e a tradição mantêm a fé e a experiência religiosa cativas num mundo conceitual, mas para Rubem Alves a poética é o melhor meio de resgatar as verdades da fé. A religião tem uma maneira de expressar as verdades das coisas diferente da ciência.<sup>42</sup>

Ela não pode descrever ou explicar presenças. Deus não é um objeto dado entre outros. Religião é imaginação, voo do amor para a terra da fantasia, onde habitam o possível e o impossível, e o milagre que torna possíveis os impossíveis, a gravidez das estéreis e das virgens, a ressurreição dos mortos, projeto utópico, horizonte de uma nostalgia, luz sobre um rosto que caminha, saudade de uma presença que se busca. Seu lugar são os gelos glaciais ou os desertos tórridos – longe dos oásis. Nos oásis estão os ídolos (Nietzsche), os patos domesticados, a obesidade, o muito comer, a saciedade, a flacidez, a vontade morta (...). Nos gelos e nos desertos estão os projetos, o desejo de partir, a nostalgia pelo calor do sol e pelo frescor da sombra, o inclinar-se para o ausente e distante(...)<sup>43</sup>

A literatura na teopoética de Rubem Alves está cheia de teologia. Na poesia existem traços característicos da reflexão teológica. A teopoética de Rubem Alves contrapõe ao discurso racional que um dia foi narrativa poética da fé. É através dessa linguagem que é possível o saber teológico reemergir da racionalidade a qual foi subjugada. Segundo Rubem, na teopoética, o fazer teológico não se aprisiona Deus e não se racionaliza práticas morais e éticas. Voa em outra direção fazendo arte com a linguagem e com as palavras, deixando-se levar pela criatividade, unindo beleza e verdade. Através da poesia acredita-se ser possível incitar pessoas à sensibilidade e a transcendência muito antes que a conscientização histórica.<sup>44</sup>

## **A teopoética de Rubem Alves como aporte para o Ensino Religioso**

A maneira como Rubem Alves pensa e escreve sobre a educação, através de contos, fábulas, estórias e crônicas,<sup>45</sup> revela a sua proposta de educação e ao mesmo tempo a sua capacidade imaginativa. Para ele

---

<sup>42</sup>MAGALHÃES, 2000, p. 146.

<sup>43</sup>ALVES, 1982 apud MAGALHÃES, 2000, p. 147.

<sup>44</sup>MAGALHÃES, 2000, p. 148.

<sup>45</sup>NUNES, 2008, 171.

“a educação deve ser erótica, herética e estética”. Os princípios educacionais devem basear-se nos princípios dos artistas, que mexem com a imaginação, revelam o escondido.

Sabe-se que a imaginação fundamenta tanto a ciência quanto a poesia<sup>46</sup>. A crítica que Rubem Alves faz à educação tradicional é o pouco valor que ela dá à formação humana. Usando o artifício da analogia Rubem Alves vai falar sobre o seu sonho para a educação. “O homem deve reencontrar o Paraíso. Paraíso é jardim, lugar de felicidade, prazeres e alegrias para homens e mulheres. [...] Sugiro aos educadores que pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias – e tratem de sonhar com seus alunos sonhos de um Paraíso”.<sup>47</sup>

Para Rubem, o educador/a é aquele/a que junto com o educando/a sonha, constrói. A analogia é essencial para o pensamento pois esclarece o desconhecido. “Um bom professor tem que ser mestre de analogias”<sup>48</sup>. A arte literária é, portanto, um jogo. Joga-se com coisas ausentes. Brinca-se com as palavras e ao brincar com coisa ausentes, que não existem aprende-se a pensar.<sup>49</sup>

Mas, as escolas sucumbiram ao “feitiço” da ciência. Só se importam com o intelecto. Não se deve, portanto, estranhar o silêncio, diante das questões da vida. Mas se “a palavra tem poder” e o educador trabalha com a palavra, há esperança. E então, um convite é feito àquele que só tem nas mãos a palavra, a um ato de exorcizar e quebrar o feitiço. Para Rubem Alves o educador/a é um fundador/a de mundos, mediador/a de esperanças, pastor/a de projetos.<sup>50</sup>

A experiência religiosa também trabalha com “horizontes utópicos que olhos não viram e que só podem ser contemplados pela magia da imaginação”.<sup>51</sup> O fascínio pela ciência levou o ser humano a reprimir o desejo, o amor, a paixão e a esperança. O Ensino Religioso que quer contribuir para o “desenvolvimento de relações comprometidas do ser humano consigo mesmo, com os outros, com o mundo, com o que lhe é incompreensível, e a formação integral da

---

<sup>46</sup>ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*: introdução ao jogo e suas regras. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 181.

<sup>47</sup>ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência*: o dilema da educação. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 77.

<sup>48</sup>ALVES, 2012, p. 88.

<sup>49</sup>ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo: ArsPoetica, 1994. p. 77-79.

<sup>50</sup>ALVES, 1989, p. 28-29.

<sup>51</sup>ALVES, 2013, p. 125.

pessoa, de forma intuitiva, consciente, crítica”<sup>52</sup> não pode abrir mão da literatura como aporte para o ensino.

Uma das críticas à presença do Ensino Religioso nas escolas, decorre da maneira como a religião é vista e ensinada, pelos “burocratas da religião”. “Toda religião que pretenda ter conhecimento científico do mundo é ridícula”.<sup>53</sup> Rubem fala dos vários jogos de linguagem. Piada é um jogo, ciência é um jogo, poesia é um jogo. Poesia é brincar com as palavras, brincar com os sonhos. E não “é no mundo encantado de sonhos que nascem as fantasias religiosas”?<sup>54</sup>

Ainda falando sobre os sonhos ele diz:

[...]as religiões, caleidoscópios de absurdos, se configuram agora como símbolos oníricos dos segredos da alma, incluindo a nossa. Por trás dos mitos e ritos, cerimônias mágicas e benzeções, procissões e promessas, podemos perceber os contornos, ainda que tênues, do homem que espera uma nova terra, um novo corpo. E seus sonhos religiosos se transformam em fragmentos utópicos de uma nova ordem a ser construída.<sup>55</sup>

O estudo da religião pressupõe a percepção de como o discurso religioso transforma coisas brutas e vazias em portadoras de sentido, a ponto de fazerem parte do mundo humano, como se fossem expressões do ser humano. É estranha a mágica do discurso religioso. É que para a religião, não importam os fatos. Para Rubem Alves a religião “tem o poder, o amor e a dignidade do imaginário”.<sup>56</sup>

Segundo Oliveira, “o Ensino Religioso deve caracterizar-se, ainda, como agente incentivador de práticas que favoreçam relações interpessoais mais humanas e fraternas para cultivar a esperança de um mundo melhor aqui e agora”.<sup>57</sup> A educação dos sentidos conforme sugerido por Rubem Alves vai ao encontro desse objetivo. Era tão importante para ele educar os sentidos que ele escreveu um livro com este tema. E essa forma de educar vai depender de um educador, aquele “jequitibá” que Rubem Alves mencionou em “Conversas com quem gosta de ensinar”. Um educador que “habita um mundo em que a

---

<sup>52</sup>OLIVEIRA, Lilian Blanck de et al. *Ensino Religioso: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 162.

<sup>53</sup>ALVES, 2013. p. 175.

<sup>54</sup>ALVES, 2013, p. 174.

<sup>55</sup>ALVES, 2013, p. 97.

<sup>56</sup>ALVES, 2013, p. 29-31.

<sup>57</sup>OLIVEIRA, p. 162.

interioridade faz uma grande diferença, em que as pessoas se se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos”.<sup>58</sup>

E é a psicanálise que diz: “não é o *insight* intelectual que decide a batalha terapêutica, mas antes o amor. A “verdade” não tem o poder para moldar o comportamento: o comportamento emerge de emoções, e somente as ideias que sejam representantes de emoções podem, de alguma forma influenciar a ação”.<sup>59</sup>

A primeira tarefa da educação é ensinar a ver, pois ver não é coisa natural. Os poetas sabem bem disso. “Temos dois olhos. Com um contemplamos as coisas do tempo, efêmeras, que desaparecem. Com outro contemplamos as coisas da alma, eternas, que permanecem”.<sup>60</sup> Para aprender amar e viver junto, o mais importante é aprender a ouvir. “A magia do poema não está nas palavras do poeta, está nos interstícios silenciosos que há entre as suas palavras”.<sup>61</sup> O educador precisa saber ouvir. É preciso ouvir as crianças. É preciso ouvir os sons da natureza. Poesia é música. É preciso acordar os ouvidos.

Segundo Reblin, “uma das principais contribuições de Rubem Alves à teologia foi justamente sua insistência na “popularização” do sagrado [...]”. Influência do seu professor Richard Shaull, o qual dizia que o sagrado é selvagem, indomesticável e por isso não pode ser mantido dentro dos muros institucionais”.<sup>62</sup>

Outro aspecto ressaltado por Reblin, é o fato da teologia de Rubem Alves partir de uma antropologia.

Teologia como saber humano intimamente vinculado ao corpo que sofre, espera, chora, anseia, lamenta, ama. A teologia não tem a ver com o dessecamento de entidades sobrenaturais. Teologia tem tudo a ver com o ser humano que busca um sentido para o seu viver e para o seu morrer hoje, com o desejo íntimo por um universo que faça sentido e que seja organizado a perspectiva de seus valores.<sup>63</sup>

---

<sup>58</sup>ALVES, 1989, p. 15.

<sup>59</sup>ALVES, 1989, p. 95.

<sup>60</sup>SILESUS apud ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* 10 ed. São Paulo: Verus, 2014.p.33.

<sup>61</sup>ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* 10 ed. Campinas, SP: Verus, 2014. p. 26.

<sup>62</sup>REBLIN, 2004, p. 194.

<sup>63</sup>REBLIN, 2004, p. 198.



A teologia assim, articula com a esperança humana, não é formada por fatos brutos, para serem observados e analisados, mas, é constituída de símbolos de beleza, de desejos. Este aspecto da teologia é imprescindível para possibilitar o diálogo com outros saberes.

Outro ponto destacado por Reblin, na teologia de Rubem Alves, é o fato de contar história como método para se fazer teologia.

Ao valer-se do ato de contar estórias como “método” da teologia, Rubem Alves afirma que a própria teologia não se restringe a um único método. Ao colocar em xeque as linguagens apologética, discursiva e científica, como linguagem teológica, o teólogo mineiro está na verdade, remetendo a uma infinidade de teologias que se prendem a um método. O autor combate métodos rigorosos de se fazer teologia, métodos de linguagem e de comprovação e defende a liberdade inerente e essencial para a própria teologia. O ato de contar estórias não está restrito a determinados ouvidos, ele é acessível a pessoas de qualquer nível de instrução. Além disso, revela que a teologia não pode ser pensada como um amontoado de informações, mas possui a clara intenção de refletir acerca do sentido último da vida.<sup>64</sup>

As contribuições de Rubem Alves à teologia, ressaltadas por Reblin, podem muito bem serem estendidas às Ciências das Religiões e especificamente à subárea do Ensino Religioso, uma vez que a teologia “é hoje uma parceira intelectual entre muitos parceiros, com um lugar importante, mas não de destaque na academia”.<sup>65</sup>

Mediante o exposto, acredita-se que a teologia de Rubem Alves pode contribuir para reencantar o Ensino Religioso através da sua ressignificação da religião, das “estórias” e da poesia, de modo que, o Ensino Religioso alcance seus objetivos.

## Referências

ALVES, Alves. *O velho que acordou menino*. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2015.

---

<sup>64</sup>REBLIN, 2004, p. 200.

<sup>65</sup>DAVANEY, 2006 apud SOARES, Afonso Maria Ligorio. A teologia em diálogo com a ciência da religião. In: USARSKI, Frank (org.). *O aspecto disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 303-304.

- \_\_\_\_\_. *A alegria de ensinar*. São Paulo: ArsPoetica, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A pedagogia dos caracóis*. São Paulo: Verus, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Da Esperança*. Tradução João Francisco Duarte Jr. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Educação dos sentidos e mais...* 10 ed. Campinas, SP: Verus, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Lições do velho professor*. Campinas: Papyrus, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Por uma educação romântica*. São Paulo: Papyrus, 2002.
- CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*. Trad. Eleonora Frenkel Barreto. Campinas: Papyrus, 2005.
- GONÇALO JUNIOR. *É uma pena não viver: uma biografia de Rubem Alves*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.
- MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- NUNES, Antonio Vidal. *Corpo linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves*. São Paulo: Paulus, 2008.
- OLIVEIRA, Lilian Blanck de et al. *Ensino Religioso: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007.